

Netanyahu se opõe à criação de Estado palestino

Países árabes discutiram com os EUA plano para encerrar o conflito sob condição da solução de dois Estados

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, disse ontem que rejeita a criação de um Estado palestino em qualquer cenário no pós-guerra contra o Hamas, declarando que só concordará com um acordo que conceda a Israel o controle de segurança sobre Gaza e a Cisjordânia. A declaração ocorreu após a informação de que países árabes já teriam discutido com Washington uma iniciativa que teria por objetivo encerrar o conflito com a condição da implementação da solução de dois Estados — também defendida pelos EUA, sendo um contínuo ponto de divergência com Israel, seu principal aliado.

—Em qualquer acordo futuro, Israel precisa controlar a segurança de todo o território a oeste do Jordão. Inaceitável com a ideia de soberania. O primeiro-ministro precisa ser capaz de dizer não aos seus amigos — disse Netanyahu a jornalistas em uma entrevista coletiva, referindo-se aos EUA.

Aviões, acrescentou o líder israelense, levará "muito tempo", mas estamos determinados a alcançá-la, conforme relatado pelo Times de Israel.

— Continuaremos a lutar com toda a força até alcançarmos todos os nossos objetivos: o retorno de todos os nossos reféns. E, repito, apenas a pressão militar levará à libertação de Gaza, a eliminação do Hamas e a certeza de que Gaza nunca representará novamente uma ameaça para Israel — disse.

mos todos os nossos objetivos: o retorno de todos os nossos reféns. E, repito, apenas a pressão militar levará à libertação de Gaza, a eliminação do Hamas e a certeza de que Gaza nunca representará novamente uma ameaça para Israel — disse.

ALIADOS DIVERGEM

Durante toda a sua carreira política, Netanyahu buscou obstruir o estabelecimento de um Estado palestino, embora ocasionalmente tenha feito acenos à ideia. Sua declaração pública, porém, representa sua rejeição mais clara da posição oficial da política externa americana em um momento em que o governo de Joe Biden gastou um grande capital político doméstico ao apoiar Israel militarmente e na esfera internacional.

O Departamento de Estado dos EUA reagiu à declaração afirmando que não há como resolver os desafios de segurança na região e reconstruir Gaza, alvos de uma devastadora ofensiva israelense desde outubro, sem o estabelecimento de um Estado palestino.

— Não há maneira de resolver esses desafios de longo prazo para proporcionar segurança duradoura e não há maneira de resolver os desafios de curto prazo de reconstruir Gaza, estabelecer governan-



Gaza sob ataque. Palestinos passam diante dos escombros de um prédio destruído em um bombardeio israelense no campo de refugiados de al-Maghazi

ça em Gaza e fornecer segurança para Gaza, sem o estabelecimento de um Estado palestino — defendeu o porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller.

De acordo com o jornal Financial Times, o plano dos países árabes envolve um cessar-fogo em Gaza e a libertação de reféns pelo Hamas como parte de um acordo mais amplo já discutido com os governos dos EUA e da Europa. Esse plano ofereceria a Israel a possibilidade de normalizar laços com essas nações, desde que o país concorde com medidas "irreversíveis" relacionadas à criação de um Estado palestino.

Segundo o jornal, a proposta seria apresentada nas próximas semanas. Israel prometeu "aniquilar" o Hamas após o ataque em 7 de outubro que matou cerca de 1.140 pessoas no sul do país, a maioria civil, segundo um relatório da AFP baseado em dados oficiais. Também foram sequestradas cerca de

240 pessoas. Cem foram libertadas em troca da libertação de palestinos detidos em Israel, durante uma trégua de uma semana no final de novembro. Dos 132 restantes, 27 teriam morrido.

Em resposta ao ataque de 7 de outubro, Israel lançou uma operação aérea e terrestre em Gaza, que até agora deixou 24.620 mortos, a maioria mulheres e menores, segundo o Ministério da Saúde do enclave, controlado pelo Hamas.

JORNALISTAS SOB CUSTÓDIA

As declarações sobre o futuro dos territórios palestinos ocorrem em um momento de elevada tensão no Oriente Médio, com recios de que o conflito se espalhe ainda mais pela região. Um dos pontos de conflito está na região do Mar Vermelho, sob tensão desde novembro. Ontem, o Exército dos EUA afirmou ter executado mais um ataque a posições dos rebeldes houthis no Iêmen, apoiados pelo Irã, tendo como alvos dois mísseis prontos para lançamento. O ataque é o quinto em menos de uma semana, e ocorre um dia após os Estados Unidos incluírem os houthis novamente na sua lista de grupos "terroristas".

—Os ataques continuarão — disse Biden a repórteres em Washington, antes de partir para um evento eleitoral na Carolina do Norte.

Desde meados de novembro, os rebeldes houthis multiplicaram seus ataques no Mar Vermelho, uma importante rota marítima por onde passam 12% do comércio global, e em águas vizinhas contra navios que consideram vinculados a Israel. Os rebeldes alegam que seus ataques são em apoio aos palestinos na Faixa de Gaza.

Por sua vez, pela primeira vez na História, Israel está entre os países que mais prendem jornalistas do mundo, aponta o censo do

Comitê de Proteção a Jornalistas (CPJ) divulgado ontem. O Estado judeu aparece na sexta posição do ranking, empatado com o Irã e atrás de China, Mianmar, Bielorrússia, Rússia e Vietnã, respectivamente.

Segundo a organização, que desde 1992 monitora ataques contra a imprensa global, ao todo 320 jornalistas foram encarcerados no ano passado em função da sua atividade — o segundo maior patamar desde o início da série histórica.

Dos 17 jornalistas sob custódia de Israel durante a realização do levantamento, em 1º de dezembro de 2023, nenhum era israelense. Segundo a tabulação do CPJ, que oferece uma fotografia do encarceramento dos profissionais da imprensa ao redor do mundo, todos os prisioneiros eram palestinos da Cisjordânia ocupada. No censo anterior, apenas um jornalista cumpria pena em prisões israelenses.

Otan anuncia maior exercício militar desde Guerra Fria

Cerca de 90 mil soldados foram convocados para a operação, que deve durar até maio; objetivo é preparar-se para ataque russo

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) anunciou ontem que iniciará, na próxima semana, seu maior exercício militar "em décadas". A operação que se estenderá por vários meses e contará com a participação de 90 mil soldados da aliança. A convocação é a maior feita pela Otan desde a Guerra Fria, quando a organização mobilizou 125 mil militares.

Apelidado de "Defensor Fiel" (Steadfast Defender), o exercício foi convocado como uma demonstração de força e capacidades militares pelo bloco ocidental, em um momento em que a aliança revisa suas estratégias de defesa após a invasão da Ucrânia pela Rússia. A previsão inicial é de que o exercício dure até maio.

A finalidade de demonstrar força e capacidades militares pelo bloco ocidental, em um momento em que a aliança revisa suas estratégias de defesa após a invasão da Ucrânia pela Rússia. A previsão inicial é de que o exercício dure até maio.

— Será uma demonstração clara de nossa unidade, de nossa força e de nossa determinação de proteger uns aos outros — afirmou o general. Além do deslocamento de tropas, o exercício também vai exigir uma grande mobilização de ativos de defesa. Para as manobras que serão executadas, estão previstas a participação de 50 navios, 80 aviões e mais de 1.200 veículos de combate. As simulações acontecerão, em parte, na América do Norte e também na Europa continental, no limite oriental do bloco.

VIZINHOS DE MOSCOW

Segundo Cavoli, as tropas simularão uma invasão russa a um dos países membros. Em uma delas, os soldados treinarão um cenário de deslocamento rápido para a Polónia, membro da Otan e vizinha da Ucrânia. Há a previsão de, em outro momento do treinamento, os soldados irem aos balticos — Letônia, Estônia e Lituânia — além da Noruega, que está ao lado do território russo.

— A aliança vai demonstrar sua capacidade para reforçar a região do Atlântico e da Europa com um movi-



Avião à Rússia. Militares belgas marcham em missão na Rembina na base Mihai Kogalniceanu, em Constança

mento transatlântico de forças — afirmou Cavoli.

O chefe do Comitê Militar da Otan, o almirante holandês Rob Bauer, afirmou que os países da aliança devem estar em prontidão para enfrentar seus adversários, citando explicitamente a Rússia e fazendo menção a grupos terroristas.

— Se nos encontrarmos nessa situação, se nos atacarem, não estamos buscando um conflito, mas, se nos atacarem, temos de estar prontos — disse Bauer. — [Os países da aliança precisam] ter planos, e por isso estamos nos preparando para um conflito. O almirante ainda acrescentou que as tropas terrestres da Rússia foram desgastadas pela guerra na Ucrânia, mas observou que a Marinha

e a Força Aérea russas continuam a ser forças "consideráveis". A análise do militar é de que os esforços da Rússia para reconstituir suas forças foram prejudicados pelas sanções e embargos ocidentais, mas que Moscou ainda tem capacidade para aumentar a produção de artilharia e mísseis.

de 2022, Bauer indicou que ainda há combates intensos, mas que a linha da frente "não se move muito" em nenhuma direção.

IMPASSE PARA PAZ

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, que está em Davos, na Suíça, para participar do Fórum Econômico Mundial, citou novamente seu interesse em integrar a Otan e insistiu que os atrasos na ajuda ao seu país colocam em risco "a segurança do continente europeu". Segundo ele, a próxima guerra será entre Moscou e a aliança.

O secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, disse durante a cúpula de Davos que Kiev está "muito perto da Otan do que nunca".

Em resposta, o chanceler da Rússia, Sergei Lavrov, disse em entrevista coletiva ontem que as discussões sobre a paz entre os dois países só serão possíveis quando a Ucrânia cessar a pressão para integrar a Otan.

A Otan, aliança militar que reúne 31 países, incluindo os EUA, prevê que uma invasão qualquer um dos membros implica automaticamente em uma resposta de todos os outros. Uma das justificativas da Rússia para invadir a Ucrânia, em fevereiro de 2022, foi que estaria se defendendo diante de uma ameaça da Otan, que negociava uma possível adesão da polvilvinho à aliança militar ocidental.